



Gênero e Teologia: da polêmica estéril ao debate teológico

Gender and Theology: from sterile controversy to
theological debate

*Moésio Pereira de Souza**

Recebido: 22/06/2018. Aprovado: 25/07/2018.

Resumo: *Os estudos de gênero têm solicitado muito debate nos meios acadêmicos, educacionais e também religiosos. A teologia, por sua vez, não pode ficar indiferente a estas discussões. O presente artigo parte da convicção de que a teologia deve levar a sério as interpelações suscitadas por estes estudos. Mas para isso, ela deve ser capaz de ir além da identificação da categoria de gênero com o uso ideológico do mesmo. Estudos de gênero e ideologia de gênero não são a mesma coisa. Fazer essa distinção se mostra fundamental a fim de que elementos importantes desses estudos não sejam ignorados uma vez que, no fundo, a discussão sobre gênero diz respeito ao ser humano, a sua identidade; em última instância, estamos diante de uma questão antropológica que desafia o saber teológico.*

Palavras-chave: *Gênero. Ideologia de gênero. Teologia.*

Abstract: *Gender studies have evoked plenty of debate in the academic, educational and also in the religious world. Theology, for its part, cannot remain indifferent to these discussions. The present article arises from the conviction that theology must deal, in a serious manner, with the questions that arise from such studies. However, to do so, theology needs to go beyond a mere categorical identification of gender to its use as an ideology. Gender studies and gender ideology are not one and the same matter. It is of fundamental importance to make this distinction so that prime aspects of the studies are not forgotten, considering that the gender debate, in the final analysis, is about the identity of the human being and so theology is confronted by an anthropological question.*

Keywords: *Gender. Gender ideology. Theology*

* Doutor em Teologia Moral (Academia Afonsiana, Roma, 2011). Mestre em Teologia Moral (Academia Afonsiana, Roma, 2007). Professor e coordenador do curso de Teologia da Faculdade Católica de Fortaleza. Missionário Redentorista.
Email: pmoesio@gmail.com





Introdução

Os estudos de gênero têm se constituído um campo muito complexo e, por isso mesmo, um olhar transdisciplinar se faz necessário. Hoje o tema vem estudado pela biologia, pela psicologia, sociologia, direito entre outras áreas. Neste contexto, cabe-nos perguntar pela contribuição da teologia neste campo. Se a perspectiva de gênero quer ser uma contribuição para um conhecimento mais aprofundado do ser humano, a teologia não pode se esquivar, pois uma vez que o Verbo se fez carne, tudo o que se relaciona com o humano encontra Deus e, logo, um discurso sobre Deus (*Teo-logia*) se mostra possível, desejável e mesmo necessário.

Um desafio para o teólogo, sobretudo para o moralista, é conseguir superar a polêmica que se criou, sobretudo em meios religiosos e que se mostra estéril, que não leva a lugar nenhum, onde se tende a reduzir os estudos de gênero à chamada “ideologia de gênero”.

Nossa reflexão pretende ajudar a uma aproximação do tema em questão superando o método da polêmica, indo além dos estereótipos que vão se criando na abordagem de um assunto tão complexo e procurando situá-lo no âmbito propriamente teológico.

1 Importância da distinção conceitual

O modo como nos aproximamos de uma realidade a ser considerada, estudada, não é sem importância. Quando o assunto é gênero, por exemplo, faz muita diferença você partir considerando-o como uma *ideologia* ou como um *conceito analítico*. Embora o espaço aqui não seja suficiente para uma abordagem mais extensiva do surgimento das inúmeras questões relacionadas à categoria “gênero”, vamos recorrer a alguns elementos que nos propiciarão tomar maior consciência acerca da complexidade do assunto do qual nos ocupamos.

Em seu texto *Identidade sexual e ideologia de gênero*, Fabrizio Meroni faz um rico percurso recuperando os primórdios da aparição da categoria “gênero” nos estudos acadêmicos.¹ Segundo Rodriguez, a

¹ Meroni, Fabrizio. Identidade sexual e ideologia de gênero. In: Cerqueira, Elizabeth Kipman (Org.). *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano do Sul: Difusão; Amazonas: CBAM – Centro de Bioética da Amazônia, 2011. p. 171-173.



categoria tem sua primeira aparição no campo da medicina, da biologia e da linguística.²

Magali do Nascimento Cunha, por sua vez, lembra que o psiquiatra Robert Stoller se configura como uma das primeiras referências no estudo de gênero. Em seu livro

*‘Sex and Gender’ [1968] [...] fez uso da palavra ‘gênero’ de forma distinta à palavra sexo [...]. Para o psiquiatra, pessoas com anatomia sexual fêmea identificavam-se (sentiam-se como) homens; o mesmo com pessoas com anatomia sexual macho que se identificavam como mulheres. Stoller considerou em seus estudos o ‘sentimento de ser mulher’ e o ‘sentimento de ser homem’ como a identidade de gênero que não coincidia com o ‘sexo’.*³

No entanto, é no âmbito dos estudos sobre a mulher, isto é, a partir das reflexões feministas, que o conceito vai ganhar visibilidade. Não há necessidade de adentrarmos detalhadamente aqui na consideração das diferentes fases ou “ondas” pelas quais passaram os estudos feministas. Parece-nos suficiente relembrar as três fases ou ondas.

Na primeira fase o interesse era a busca da igualdade entre o homem e a mulher, a defesa dos direitos da mulher e o reconhecimento de sua igual dignidade:

*Essa primeira fase do feminismo politicamente engajado visava, pelas lutas sociais, ao reconhecimento dos direitos de igualdade jurídica, política e social das mulheres nas novas sociedades democráticas, com as mesmas oportunidades de inserção no mundo da escola-universidade, no mundo do trabalho e da carreira profissional e política.*⁴

Na segunda fase os estudos feministas destacarão a diferença sexual na esperança de reforçar a identidade da mulher em si e libertá-las da necessidade de uma referência ao homem. A mulher tem sua própria importância:

² RODRIGEZ, P. M. apud MERONI, 2011, p. 174.

³ Cunha, Magali do Nascimento. Construções imaginárias sobre a categoria ‘gênero’ no contexto do conservadorismo político religioso no Brasil nos anos 2010. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 257, mai./ago. 2017.

⁴ MERONI, 2011, p. 182.



É como mulheres que elas reafirmam uma identidade separada e diferenciada da do homem, constituindo-se em grupos de reflexão compostos somente por mulheres. Os discursos só femininos de mulheres reivindicam a identidade da mulher, seu direito ao seu corpo, ao seu desejo e prazer, suas relações próprias, suas práticas literárias e artísticas própria e exclusivamente femininas.⁵

A terceira fase vem marcada por uma compreensão mais elástica do que significa ser mulher. A ênfase agora vem acentuada na individualidade, na pluralidade de tipos de mulher.⁶

Será justamente no âmbito das questões que circulam ao redor do que significa ser homem e mulher, masculino e feminino, que a categoria de gênero vai ganhando as diferentes compreensões e passa a ser utilizada também por outros grupos como é o caso dos LGBTIs. Como afirma Meroni,

a necessidade de uma categoria de representatividade feminina para compor um sujeito político cultural capaz de se posicionar em favor da emancipação das mulheres exigirá juntar alianças abertas com outras identidades contestadoras (homo-bi-trans-sexuais) do binarismo heterossexual androcêntrico e hegemônico, que alternativamente poderão se aliar para defender os próprios direitos e se emancipar”.⁷

Quem estuda gênero sabe que estamos diante de uma realidade difícil de ser conceitualizada.⁸ Daí a necessidade de se evitar simplismos e estereótipos, de se vencer a tentação de reduzir todas as discussões, muitas delas no âmbito de diversas ciências, como se fosse puramente um discurso ideológico, uma invenção de feministas e da comunidade LGBTI.

⁵ MERONI, 2011, p. 185.

⁶ MERONI, 2011, p. 187.

⁷ MERONI, 2011, p. 188.

⁸ “Os estudos de gênero são bastante heterogêneos. Às vezes eles se entrelaçam, mas outras vezes correm em paralelo sem se encontrar. Não há uma teoria unificadora. O que há é um acordo geral em considerar os complexos comportamentos, direta ou indiretamente concernentes à esfera sexual, como fruto de quatro dimensões diferentes, não totalmente independentes e por sua vez complexas: o sexo anatômico, a identidade de gênero, o papel de gênero e a orientação sexual”. Cf. LIMA, Luís Correa. Estudos de gênero versus ideologia: desafios da teologia. *Mandrágora*, São Paulo, v. 21, n. 2, 2015, p. 106.



Há uma grande dificuldade no mundo religioso, não somente católico, de lidar com essa categoria sem reduzi-la ao seu aspecto caricatural de “ideologia de gênero”. Ao seu redor verificamos uma verdadeira “cruzada”. Pessoas que nunca sequer leram nada a respeito dos estudos de gênero falam com “autoridade sobre o assunto”, quando, quase sempre, combatem tão somente uma caricatura. A “ideologia de gênero” se tornou a grande inimiga do cristianismo, verdadeira ameaça às famílias. Ela juntou-se ultimamente a outros “inimigos da fé cristã” como o *modernismo*, o *comunismo* e o *relativismo*.

Ora, precisamos distinguir as coisas. Será que tudo o que se fala a respeito de “gênero” é pura ideologia? O que estamos evitando quando deixamos de apresentar “gênero” como uma *categoria analítica* e a apresentamos como uma *ideologia*? Como bem destacou Cunha, o próprio discurso religioso da “ideologia de gênero” torna-se ideológico à medida que não somente manipula a realidade, mas também direciona o imaginário das pessoas para outra direção. “Ao se dizer ‘ideologia de gênero’ recupera-se uma noção negativada de ideologia, tomada como ‘manipulação’, e silencia-se a cientificidade do termo e as múltiplas possibilidades de abordagem em torno dele originadas nas ciências que o estudam”.⁹

2 O direito de existir: por uma superação da exclusão conceitual

Distinguir “gênero” de “ideologia de gênero” nos permite dialogar com uma gama de possibilidades que os estudos sobre esta categoria levantam. Frente a elas a teologia não pode fugir. São perguntas muitas vezes incômodas, críticas, às vezes até injustas, mas nem por isso podemos ignorá-las, fazer de conta que esta realidade não existe, que tudo não passa de um discurso ideológico. Enquanto categoria analítica, gênero vem utilizada para buscar

compreender o significado de ser homem e ser mulher para além de categorias fixas e pré-determinadas na história. Ela responde a uma postura social crítica à cultura patriarcal, que opõe injustamente homens

⁹ CUNHA, 2017, p. 271. É preciso distinguir as formas ideológicas da teoria de gênero das outras formas que, ao contrário, devemos levar a sério. Cf. KASPER, Walter, // *messaggio di Amoris Laetitia: una discussione fraterna*. Queriniana: Brescia 2018, p. 38 (Giornale di Teologia 406).



*e mulheres e consolidou sociedades androcêntricas opressivas das pessoas e suas respectivas identidades que estão para além da anatomia.*¹⁰

Quando falamos de ser humano, *natureza e cultura* se entrecruzam. Não é diferente no tocante à sexualidade. Os estudos de gênero lançam luzes nas relações de poder inerentes à vivência da prática sexual dos seres humanos ao longo da história. Nem tudo o que vem apresentado como “natural” o é de fato. Papéis que antes eram descritos como “próprio de mulher” ou “próprio do homem” hoje já se sabe que não são inatos, mas culturalmente construídos.

Não se nega que o aspecto biológico seja necessário para uma correta compreensão do ser humano. O que os estudos de gênero acrescentam é a necessidade de se aceitar *também* o componente cultural que marca nossa compreensão do humano, de suas relações, de sua sexualidade.

A pergunta pela identidade sexual torna-se hoje muito mais complexa. O que define alguém como homem ou como mulher? Antes era muito fácil. A resposta era dada pelo fenótipo genital. Alguém nasceu com um pênis, é homem; com uma vagina, é mulher. O que causa muita estranheza, dúvida, incompreensão, sofrimento e discriminação, é que hoje em dia algumas pessoas ousam afirmar diferentemente. Elas nascem com o fenótipo genital de um determinado sexo, mas se autopercebem, identificam-se como do gênero oposto. Vivem num drama de sentir um descompasso entre o seu corpo, os papéis sexuais que são atrelados a ele e a percepção de si mesmos. Essas pessoas são chamadas *trans-gêneros*, ou simplesmente *pessoas trans*.¹¹

¹⁰ CUNHA, 2017, p. 267.

¹¹ A distinção conceitual é bem mais complexa. Chama-se *Cisgênera* a pessoa que vive uma sintonia entre o seu corpo (sexo) e a sua autopercepção (identidade de gênero). “Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher”. Importante lembrar que não há consenso quanto a essas nomenclaturas. Para estas e outras definições, Cf. JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012. p. 12. Outras distinções são necessárias, uma vez que há muita confusão. A título de exemplo trazemos a distinção apresentada por Élio Gasda: “Gênero é distinto de sexo biológico e de orientação sexual. Sexo refere-se à diferença biológica entre homem e mulher. Orientação sexual indica por quais gêneros a pessoa sente-se atraída afetiva, física e espiritualmente. Gênero remete à construção cultural dos atributos de masculinidade e feminilidade gerados pelas instituições, organizações e práticas cotidianas. A identidade de gênero se constrói sobre os padrões que uma sociedade estabelece para seus membros, define comportamentos, roupas, estilos de vida e códigos morais”. Cf. GASDA, Élio Estanislau. Gênero. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 49, n. 2, mai./ago. 2017, p. 247. A Sigla *LGBTIs* quer exatamente contemplar uma diversidade de situações



Até o momento parece não haver um consenso quanto à origem dessa dissintonia. Até a nomenclatura apresenta divergências. Há quem chame de “*distúrbio* da identidade de gênero”; de “transtorno de identidade de gênero”; *disforia* de gênero etc.¹² Não se pode afirmar que se trata de algo genético, hormonal ou simplesmente psicológico. As várias teorias se complementam e nos ajudam a compreender que estamos diante de uma realidade complexa.

De qualquer forma, o que não pode ser ignorado pela Igreja e pela teologia, é que essas pessoas existem, não são uma construção ideológica. Sua dor, suas feridas, seus sofrimentos; suas conquistas e alegrias são reais.¹³ O que a teologia moral tem a dizer-lhes? O perigo que incorremos ao nos fecharmos no clichê da “ideologia de gênero” é não levar a sério o sofrimento real desses nossos irmãos e irmãs.¹⁴

Uma contribuição dos estudos de gênero para a teologia pode ser exatamente nos ajudar a enxergá-los, a visibilizá-los, a permitir que eles existam como são. Somente indo além da polêmica estéril, a teologia

quando se fala em orientação e/ou identidade sexual (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais).

¹² Cf. ANDRADE, Larissa. *Direito à identidade de gênero à luz da constitucionalização do Direito Civil: análise do Projeto de Lei João W. Nery (PL nº 5.002/2013)*, Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/40126/direito-a-identidade-de-genero-a-luz-da-constitucionalizacao-do-direito-civil-analise-do-projeto-de-lei-joao-w-nerly-pl-n-5-002-2013>>. Acesso em: 06 abr. 2018. RAMSEY, Gerald. *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: Summus, 1998.

¹³ “Encontramo-nos diante de uma pessoa marcada por grande sofrimento. É toda a pessoa que sofre devido ao conflito interno a si mesma. Poderia ser aplicado o que disse o Papa Francisco em outro contexto: é preciso ‘curar as feridas’ e acompanhar com misericórdia as pessoas, fazendo com que sintam a proximidade da Igreja”. Cf. CIPRESSA, Salvatore. *Accogliere i transgender senza pregiudizi*. In: *Avvenire*, 14/12/17. Disponível em: <<https://www.avvenire.it/attualita/pagine/accogliere-senza-prejudizi>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

¹⁴ A busca, não priva de sofrimento e dor, pela identidade de gênero, pela aceitação de determinada orientação sexual, não pode ser separada da busca fundamental de todo ser humano: *Quem sou?* Este é um momento em que a Igreja precisa mostrar com ênfase sua maternidade espiritual, acolhendo e guiando estes filhos em seu projeto existencial. A Igreja que se reconhece como dispensadora da graça de Deus, não pode simplesmente negar-lhes a possibilidade de um encontro com Deus e sua infinita misericórdia. Papa Francisco lembra que a Igreja não é a dona da graça, mas sua administradora. A comunidade cristã não pode perder de vista que na economia da salvação, Deus nos acompanha enquanto estamos na difícil travessia do deserto (Ex 13,21-22), ele não deixa seu povo entregue a sua própria fraqueza e a seus pecados, mas segue renovando sempre a esperança de que um dia a Terra da Promessa será realidade. Deixar as pessoas LGBTIs entregues a si mesmas não nos parece coerente com a pedagogia divina.



pode acercar-se dessa realidade afim de que possa iluminá-la e por ela ser iluminada.

A teologia pode enclausurar-se e continuar defendendo-se do perigo da “ideologia de gênero”, mas pode igualmente abrir-se ao novo e se deixar guiar pelo Espírito que age por meio dos acontecimentos históricos na esperança de chegar a uma compreensão sempre mais profunda do grande mistério deste microcosmo que é o ser humano.

Em um discurso por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica da Argentina, Papa Francisco afirmou que tanto o ensino quanto o estudo da teologia implicam

*viver em uma fronteira, na qual o Evangelho se encontra com as necessidades das pessoas às quais é anunciado de maneira compreensiva e significativa. Devemos evitar uma teologia que se esgota na disputa acadêmica, ou que olha para a humanidade de um castelo de vidro. É aprendida para ser vivida: teologia e santidade são um binômio inseparável.*¹⁵

A Igreja, perita em humanidade, continua a colocar-se a serviço do ser humano também neste momento em que novas perguntas são levantadas sobre ele. Se dizemos que nem tudo que se diz sobre “gênero” pode ser demonizado, da mesma forma afirmamos que nem tudo pode ser santificado. Faz-se mister um correto discernimento na vastidão das ideias que circulam sobre o tema.¹⁶

¹⁵ PAPA FRANCISCO. *Carta por ocasião do centenário da Pontifícia Universidade Católica Argentina*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

¹⁶ É nesta perspectiva que podemos acolher as ressalvas que os Papas Bento XVI e Francisco fazem sobre o assunto. Ambos criticam a “ideologia de gênero”. Constitui papel fundamental do ministério magisterial o cuidado para que não assimilamos acriticamente toda novidade que aparece. A mesma seriedade pedida aos estudos de gênero é requerida para a consideração do ensino do Magistério. Se não podemos relegar o primeiro ao reino da “ideologia”, não devemos banir o segundo para o “reino do obscurantismo” e do “ultrapassado”. Adverte Bento XVI em um discurso à Cúria Romana: “O que com frequência é expresso e entendido com a palavra ‘gender’ resolve-se em definitiva na autoemancipação do homem da criação e do criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito”. Cf. BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por ocasião dos votos de feliz natal*. Roma, 22 dez. 2008. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/december/documents/hf_benxvi_spe_20081222_curia-romana.html>. Acesso em: 12 abr. 2018. Papa Francisco ensina que a diferença entre homem e mulher não é para a subordinação, mas para a comunhão. E acrescenta: “A cultura moderna e contemporânea abriu novos espaços, outras liberdades e reno-



Uma *antropologia teológica* capaz de dialogar com estas perspectivas se faz necessária. Voltando-se à busca da verdade sobre o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, a Igreja coloca-se novamente contra toda redução que queira pretender possuir a verdade totalitária sobre o humano.¹⁷

Neste sentido, a teologia deve iluminar aqueles elementos que podem ser contraditórios ao anúncio cristão acerca do ser humano. Mas para isso precisa levar a sério as novas possibilidades de compreensão que se abrem com esses estudos, superando, desta forma, uma consideração às vezes superficial que alguns fazem ao considerar tudo como um mero discurso ideológico.¹⁸

O Concílio Vaticano II falando da Igreja como continuadora da missão de Cristo que veio testemunhar a verdade, servir e não ser servido e ainda, salvar e não condenar, afirma que se ela quer concretizar sua missão, é seu dever

vadas profundidades para o enriquecimento da compreensão desta diferença. Mas introduziu inclusive muitas dúvidas e um grande ceticismo. Por exemplo, pergunto-me se a chamada teoria do *gender* não é também expressão de uma frustração e resignação, que visa cancelar a diferença sexual porque já não sabe confrontar-se com ela. Sim, corremos o risco de dar um passo atrás. Com efeito, a remoção da diferença é o problema, não a solução” Cf. PAPA FRANCISCO. *Audiência geral de 15/04/15*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienzagenerale.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

¹⁷ Esta perspectiva vem adotada também em outras abordagens. Ao final do seu artigo, Lima sugere uma renovação da antropologia teológica a fim que a teologia possa contemplar as perspectivas de gênero. Cf. LIMA, 2015, p. 89-112. Da mesma forma Meroni parte de uma antropologia teológica para uma abordagem crítica dos estudos feministas no Brasil. Cf. MERONI, 2011, p. 216-261.

¹⁸ O Papa João Paulo II escreveu a George Cloyne, que era o chefe do Observatório Vaticano à época e levanta a pergunta: da mesma forma que as cosmologias do Antigo Oriente Próximo puderam ser assimiladas e estão presentes na narrativa da criação presente no Gênesis, a cosmologia contemporânea não poderia nos oferecer algo à nossa reflexão atual da criação? O Papa continua suas indagações: não pode “uma perspectiva evolucionista lançar alguma luz sobre a antropologia teológica, o significado da pessoa humana como *imago Dei*, o problema da Cristologia – e até o desenvolvimento da doutrina mesmo? Quais são as implicações escatológicas da cosmologia contemporânea, especialmente em face do vasto futuro de nosso universo?”. In: CROSBY, Michael H. *Imaging God in Sex and Marriage. The Furrow* v. 21. n. 4, 2016, p. 212. Diante desta reflexão do Santo Padre, Crosby se pergunta: uma vez que João Paulo II reconhece o valor de incorporar os novos conhecimentos da cosmologia contemporânea para uma maior compreensão do que significa ser “imagem de Deus” hoje, não podemos igualmente nos perguntar pela possibilidade de incorporação dos novos conhecimentos sobre a sexualidade humana para uma melhor compreensão do que significa ser homem e mulher como imagens de Deus? Cf. CROSBY, 2016, p. 213.



*investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático.*¹⁹

David Ozar observa, com propriedade, que se nosso vocabulário não inclui as pessoas LGBTIs, é como se elas não existissem para nós. Daí uma primeira atitude importante para o teólogo seria, justamente, ajudar a superar essa forma de exclusão que é a “exclusão conceitual”. Ele pontua que o modo

*mais eficiente de excluir um conjunto de pessoas do reino da ética e das obrigações é, de longe, que o nosso sistema de conceitos em operação simplesmente não tenha nenhum lugar para elas. Quando isso acontece, não há necessidade de fazer perguntas éticas sobre como lidar com elas. Não há perguntas éticas a fazer, porque as perguntas éticas sobre como tratar adequadamente sua situação não podem, estritamente falando, sequer ser formuladas.*²⁰

Segundo informações do Jornal o Globo, o assassinato de pessoas LGBTs cresceu 30% no ano passado em comparação com o ano anterior: 343 pessoas em 2016 e 445 em 2017. No Brasil, a cada 19 horas uma pessoa LGBT ou é assassinada ou comete suicídio em razão de homofobia. O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking desse tipo de assassinato no mundo. O número de óbitos das pessoas trans teve um aumento de 6% segundo estes dados.²¹

Causa estranheza que o texto-base da Campanha da Fraternidade deste ano, dedicado à violência, não tenha uma linha sobre a violência contra as pessoas LGBTIs. Fala-se de violência racial, contra os jovens,

¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, n. 4. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

²⁰ OZAR, David T. Sofrimento por meio da exclusão: sobre os conceitos-padrão de orientação sexual, sexo e gênero. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 286.

²¹ Cf. O GLOBO. *Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório*. 17/01/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 06 abr. 2018.



contra homens e mulheres, violência doméstica, exploração sexual e tráfico humano etc. Podemos afirmar que não mencionar a violência contra essa população não deixa de ser uma forma de exclusão. O lema afirma: somos todos irmãos (Mt 23,8). Mas não é o que verificamos a nível conceitual no texto-base, uma vez que deixa de fora nossos irmãos e irmãs LGBTIs. Para Ozar, quando alguém exclui conceitualmente as pessoas LGBTIs,

*também excluem suas preocupações e seus interesses, o bem ou o mal que lhes foram feitos, seus direitos e o respeito que lhes é devido como pessoas, respeito advindo do fato de estarem elas de algum modo presentes em nossas reflexões sobre como as pessoas devem agir em relação umas às outras.*²²

Conceituá-los, portanto, significa fazê-los presente e é esta *presença* que deve inquietar a teologia moral. Nossa proposta, então, é que o teólogo se volte para o mestre e com ele aprenda a olhar, a tocar, a amar e a anunciar a Boa Nova do Reino a *todas* as pessoas.

3 Jesus e os marginalizados: paradigma para a relação da Igreja com as pessoas LGBTIs

A realidade de marginalização e preconceito pela qual certos grupos passam hoje, como é o caso da comunidade LGBTIs, marca presença também na Palestina nos tempos de Jesus. Alguns grupos viviam uma dupla marginalização: *social e religiosa*. É o caso, por exemplo, dos doentes, dos cobradores de impostos, das prostitutas etc.

Nosso intuito agora é mostrar como Jesus se relacionava com estas pessoas, a fim de que possamos repensar nossos relacionamentos com as pessoas LGBTIs que também experimentam ser colocadas às margens tanto da Igreja quanto da sociedade em geral.²³

Uma primeira constatação se mostra no fato de Jesus se encontrar com essas pessoas. Diante da indiferença ou do preconceito que as mar-

²² OZAR, 2005, p. 283.

²³ Segundo o Papa Francisco, “a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos, sem excluir ninguém”. Cf. PAPA FRANCISCO. *Amoris laetitia*: exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família. n. 309. São Paulo: Paulinas, 2016 (A Voz do Papa, 202).



cava, Jesus delas se aproxima ou permite que as pessoas se aproximem dele. Jesus não ignora a presença do outro, mas com elas se encontra.²⁴ Não as exclui por serem como são; o encontro com ele pode ser o início de uma nova vida, de uma nova forma de se relacionar com Deus e com os outros²⁵. Neste sentido, como tem sido a nossa prática cristã em relação às pessoas LGBTIs? Realmente as encontramos, ou nos encontramos com os preconceitos e as caricaturas que vão surgindo no imaginário social?

Devido à impossibilidade de uma abordagem mais abrangente, tomemos por referência apenas um desses encontros paradigmáticos de Jesus de Nazaré. Marcos narra um encontro de Jesus com um leproso (Mc 1,40-45).²⁶ Devido à sua condição, esse homem não podia sequer aproximar-se de Jesus.²⁷ Mas ele o faz. Não se deixa paralisar pelo que lhe vem prescrito. Marcos parece sublinhar a necessidade que todos temos de ir ao encontro de Jesus. Se nele cremos, precisamos superar as barreiras (pessoais, sociais e religiosas) que querem nos impedir de ir até Jesus. A fé daquele homem se torna um modelo para toda pessoa que quer seguir o Nazareno. Ele crê, ele confia que Jesus pode curá-lo. E por isso vai ao seu encontro.

²⁴ Muitas são as narrativas evangélicas sobre os encontros de Jesus com esses grupos marginalizados. Somente a título de exemplo, Cf. Lc 5, 29-32 (Jesus come com cobradores de impostos e pecadores); Mc 5, 25-34 (Jesus cura a mulher hemorroísa), Lc 7,36-50 (Jesus se deixa tocar por uma pecadora pública).

²⁵ Diante da globalização da indiferença e da cultura do descarte, Papa Francisco nos exorta a cultivar a cultura do encontro. Observa o pontífice que somente quando somos capazes de verdadeiros encontros podemos ver as pessoas. Podemos cruzar com muita gente ao longo do dia e da vida, mas nem sempre as vemos, porque não as encontramos, simplesmente passamos por elas. Cf. PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*: meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta. 13/09/16. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papafrancescocotidie_20160913_culturadoencontro.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

²⁶ “Lepra’ é uma designação antiga de uma classe bastante extensa de doenças, cujos sintomas eram de natureza cutânea. A lepra, conforme parece, era endêmica em várias partes do Oriente antigo, havendo descrições dela já no terceiro milênio a.C. Os hebreus tinham aversão por ela, parcialmente por causa da própria patologia, e parcialmente porque era acompanhada por impureza cerimonial que classificava o paciente como imundo. Por estas razões, o leproso, devidamente diagnosticada a sua condição, era banido da sociedade”. Cf. HARRISON, Roland. K. Lepra. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1187.

²⁷ “O poderoso, mas mal-compreendido Messias, é procurado diretamente por uma pessoa à qual costuma ser negado qualquer contato com as pessoas saudáveis”. LINDEN, Philip Van. Marcos. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. V. III. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 49.



A reação de Jesus aparece destacada no relato evangélico a fim de que seus discípulos aprendam com ele. Ser discípulo de Jesus não se limita simplesmente a um ato intelectual de nele acreditar. É preciso igualmente agir da mesma forma que ele.²⁸ São Marcos acentua que diante daquele homem Jesus sente *compaixão*. Ele age *movido de compaixão* (Mc 1,41). Compaixão esta que os evangelistas vão trazer em outros encontros de Jesus (Mt 14,14; 15,32).

Ainda no mesmo versículo outro fator merece nossa atenção. Como judeu devoto, Jesus sabia que, segundo a lei religiosa, o contato físico com o leproso o tornaria impuro, indigno de se aproximar de Deus²⁹. Isso, porém, não impede Jesus de fazer o bem àquela pessoa. Para além do que pudessem pensar a seu respeito, Jesus tocou naquele homem e o purificou³⁰. Quantas vezes podemos nós também fazer o bem a tanta gente e não o fazemos porque não queremos ser “impuros”.

Lembremos que Jesus continua presente em nosso meio através de seu Corpo Místico que é a Igreja.³¹ Jesus cura hoje por meio da comunidade de seus seguidores. Onde está a comunidade reunida, o Ressuscitado está em seu meio (Jo 20,19-29). Desta forma, a Igreja, comunidade dos seguidores do Senhor, não pode mostrar-se indi-

²⁸ Ao final do lava-pés, Jesus ensina a seus discípulos: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também o façais” (Jo 13,15).

²⁹ “E o que é mais assombroso, Jesus decide ultrapassar por sua vez, a fronteira entre o puro e o impuro ao estender a mão e tocar o homem”. HOWARD, Virgil; PEABODY David B. Marcos. In: FARMER, William R. (Dir.), *Comentario bíblico internacional: comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. 5. reimpression. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2013. p. 1219.

³⁰ Outras narrativas trazem a ação de Jesus de “tocar” as pessoas (Cf. Mc 1,40; 7,33-34). Os evangelhos também mostram que muitos se aproximavam e “ousavam” tocar em Jesus porque acreditavam que dele saía uma força capaz de curá-los (Cf. Mc 1,34; 3,10-11; 6,56; Mt 9,20-21; 14,36; Lc 6,19). Não se trata, porém, de um poder mágico do ato de tocar. A fé em Jesus se constitui no elemento principal desses relatos. Cf. GROB, Rudolf. Tocar. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.), *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2519-2521.

³¹ A existência, que não pode ser negada, de cristãos LGBTIs, impele a um repensar também nossa eclesiologia. São Paulo afirma: “vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte (1Cor 12,27). E ainda: “Não pode o olho dizer à mão: ‘Não preciso de ti’; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: ‘Não preciso de vós’. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários, e aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência; os que são decentes não precisam de tais cuidados” (1Cor 12,21-24a).



ferente ao sofrimento de seus filhos que são LGBTIs e que querem se aproximar de Cristo. Muitos deles se sentem e são tratados como os leprosos no tempo de Jesus. Por isso a comunidade cristã precisa acolhê-los. Pelo batismo eles são membros do Povo de Deus, da mesma forma que os héteros e cisgêneros. São nossas irmãs e irmãos. A práxis de Jesus tem que questionar a forma como os ajudamos a encontrar com o Senhor. Excluí-los de nossas comunidades não pode ser o melhor caminho.³²

Nosso legalismo pode nos ajudar a permanecermos “puros” diante da lei; porém é a compaixão pelo sofrimento do outro que nos lança no risco de nos tornarmos “impuros” aos olhos de muita gente, inclusive religiosas e “pessoas de bem”, mas se não somos capazes de tocar as pessoas e devolver-lhes a dignidade, estaremos mais para discípulos dos escribas e fariseus do que propriamente de Jesus de Nazaré.³³

Isto fornece-nos um quadro e um clima que nos impedem de desenvolver uma moral fria de escritório quando nos ocupamos dos temas mais delicados, situando-nos, antes, no contexto de um discernimento pastoral cheio de amor misericordioso, que sempre se inclina para compreender, perdoar, acompanhar, esperar e sobretudo integrar.³⁴

³² Marcos nos apresenta outro caso exemplar. Fala de um cego (Bartimeu) que se encontra à margem, sentado à beira do caminho (Mc 10,46-52). Ao saber que Jesus ia passar por ali, ele quer encontrar Jesus, grita pedindo pela misericórdia do Mestre. Mas estranhamente os discípulos de Cristo tentam impedi-lo, querem calá-lo. Mas ele grita mais forte ainda. Jesus pede então aos discípulos: “Chamai-o”. Muitas vezes a atitude de muitos discípulos de hoje continua sendo impedir o encontro dos novos Bartimeus. Tentam calar seus gritos por compaixão. Mas será que Jesus não continua pedindo a seus discípulos atuais para serem pontes entre ele e os que os buscam em vez de serem muros?

³³ “Jesus desenvolveu a sua doutrina da pureza na sua luta contra o farisaísmo. Em Mt 23:25-26, rejeita a observância dos regulamentos rituais por ser meramente externo este tipo de pureza [...]. Para o amor puro de Jesus, i.é., o amor que se entrega totalmente a Deus e ao seu próximo, já não há alimentos impuros (Mc 7: 19c). Jesus sentava-se à mesa com publicanos e pecadores (Mc 2:13-17). Não rejeita os leprosos; pelo contrário, curava-os (Lc 17:11-19)”. Cf. LINK, Hans-Georg; SCHATTENMANN, Johannes. Puro. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1910.

³⁴ PAPA FRANCISCO. *Amoris laetitia*: exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família. n. 312. São Paulo: Paulinas, 2016.



Considerações finais

A teologia como um todo, e de forma especial a teologia moral se vê desafiada pelas discussões que surgem decorrentes das várias perspectivas nos estudos de gênero. Acreditamos que a superação da postura polemica, que apresenta muitas vezes apenas uma caricatura do tema, precisa ser superada. Renegar todos os discursos de gênero à esfera ideológica pode acabar escondendo aspectos importantes da vida de pessoas concretas.

A teologia cristã deve ser capaz de dialogar com os “sinais dos tempos”, iluminar as novas realidades e encontrar com o Espírito que guia a Igreja também pelos acontecimentos da história. Diante desta realidade, a teologia pode enclausurar-se nos seus discursos já elaborados e na compreensão imutável de suas doutrinas, mas pode igualmente repensar e elaborar novos discursos incorporando os elementos positivos que o conhecimento humano vem oferecendo a fim de chegarmos a uma compreensão sempre mais profunda do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus.³⁵

Os estudos de gênero podem ser vistos como uma *ameaça*, mas também como uma *contribuição*. Se formos capazes de superar nossa tendência à demonização do diferente, a comunidade cristã tem diante de si uma nova possibilidade de repensar sua teologia: tanto a antropologia teológica, como a eclesiologia, a moral e a pastoral da Igreja.

Desde as perspectivas de gênero, a antropologia teológica há de se perguntar sobre o significado de ser criado à imagem e semelhança de Deus; o tratado sobre a Igreja deve refletir sobre o lugar das pessoas em situações de fragilidade, de vulnerabilidade, a Igreja como uma casa que acolhe; a moral precisa enfatizar mais a graça que o pecado; a atitude pastoral dos cristãos em relação às pessoas LGBTIs precisa ter como referência a práxis acolhedora de Jesus de Nazaré.

³⁵ “A Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade”. Cf. PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium*: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. n. 40. São Paulo: Paulinas, 2013.



Referências bibliográficas

ANDRADE, Larissa. *Direito à identidade de gênero à luz da constitucionalização do Direito Civil: análise do projeto de lei João W. Nery (PL nº 5.002/2013)*, Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/40126/direito-a-identidade-de-genero-a-luz-da-constitucionalizacao-do-direito-civil-analise-do-projeto-de-lei-joao-w-ner-y-pl-n-5-002-2013>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por ocasião dos votos de feliz Natal*. Roma, 22 dez. 2008. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CIPRESSA, Salvatore. *Acogliere i transgender senza pregiudizi*. In: *Avvenire*, 14 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.avvenire.it/attualita/pagine/acogliere-senza-pregiudizi>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo de hoje*, n. 4. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Construções imaginárias sobre a categoria ‘gênero’ no contexto do conservadorismo político religioso no Brasil nos anos 2010”. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 257, mai./ago. 2017.

CROSBY, Michael H. *Imaging God in sex and marriage. The Furrow* v. 21. n. 4, 2016. p. 212.

GASDA, Élio Estanislau. *Gênero. Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, mai./ago. 2017. p. 247.

GROB, Rudolf. *Tocar*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2519-2521.

HARRISON, Roland. K. *Lepra*. COENEN Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1187-1190.

HOWARD, Virgil; PEABODY, David B. Marcos. In: *Comentario bíblico internacional: comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. 5. reimpressão. FARMER, William R. (Dir.). Estella (Navarra): Verbo Divino 2013. p. 1219.



JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012.

KASPER, Walter. *Il messaggio di Amoris Laetitia: una discussione fraterna*. Queriniana: Brescia 2018, (Giornale di Teologia 406).

LIMA, Luiz Correa. Estudos de Gênero versus ideologia: desafios da teologia. In: *Mandrágora*, v. 21. n. 2, 2015, p. 89-112.

LINDEN, Philip Van Marcos. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. V. III. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 49.

LINK, Hans-Georg; SCHATTEMMANN, Johannes. Puro. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1906-1912.

MERONI, Fabrizio. Identidade sexual e ideologia de gênero. In: CERQUEIRA, Elizabeth Kipman (Org.). *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano do Sul: Difusão Editora; Amazonas: CBAM – Centro de Bioética da Amazônia, 2011. p. 174.

O GLOBO. *Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório*. 17/01/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

OZAR, David T. Sofrimento por meio da exclusão: sobre os conceitos-padrão de orientação sexual, sexo e gênero. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Carta por ocasião do centenário da Pontifícia Universidade Católica Argentina*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

_____. *Audiência geral de 15/04/15*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienza-generale.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

_____. *Amoris laetitia: exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016 (A Voz do Papa, 202).



PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*: meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta. 13/09/16. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papafrancescocotidie_20160913_cultura-do-encontro.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

RAMSEY, Gerald. *Transexuais*: perguntas e respostas. São Paulo: Summus, 1998.